

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-6-	-6-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-

6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 164

11 DE JULHO 1883

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA

OCCIDENTAL

Dizia o fallecido Duarte de Sá, com muita graça e com profunda philosophia, que a sabedoria das nações era realmente uma sabedoria, porque descobria a maneira de contentar toda a gente.

Para todas as situações da vida e para todos os casos, mesmo os mais desencontrados e oppostos, a sabedoria das nações tem uma maxima já feita e consagrada; porisso ninguem se dirige a ella que não seja immediatamente servido.

Cada proverbio tem para servir as pessoas que se acham nas circumstancias contrarias, outro proverbio completamente opposto.

E assim toda a gente fica satisfeita com a sabedoria das nações.

Uma pessoa trabalha muito para alcançar uma coisa e não a alcança:

— Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.

Trabalha e alcança-a — quem portia mata a caça.

Alcança-a sem trabalho algum.

— O que tem de ser nosso á mão nos ha-de vir parar.

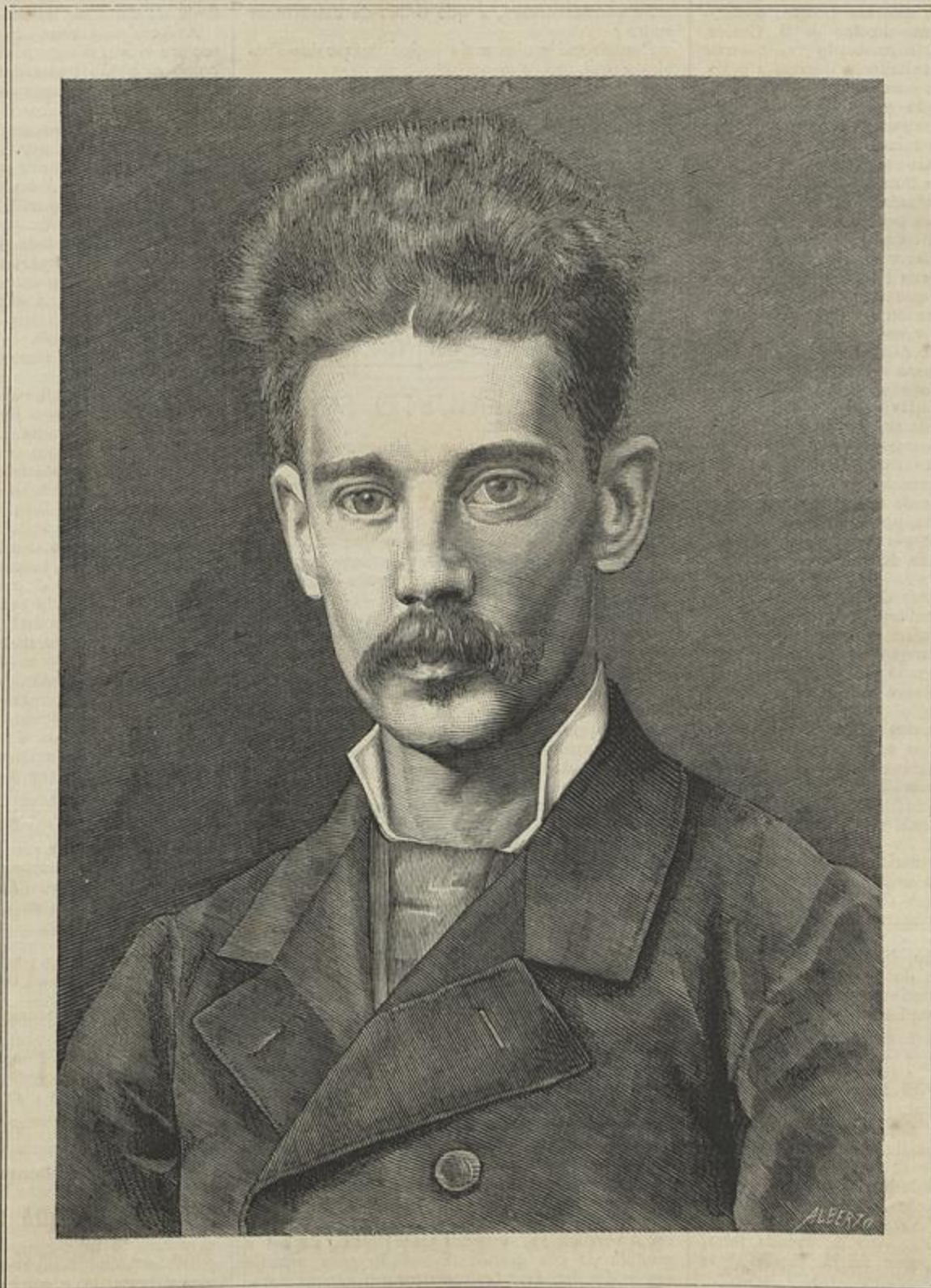
Um sujeito espera e obtem.

— Quem espera sempre alcança.

Espera, e não obtem coisa alguma.

— Quem espera desespera.

Um homem anda em más companhias e é bom.



THOMAZ AUGUSTO SOLLER — Fallecido em 12 de junho de 1883

(Desenho de Marques de Oliveira)

— Cada qual faz geração por si.

Anda e é mau. — Dize-me com quem andas...

E etc. etc. etc. os exemplos encher-me-iam a chronica, e com o devido respeito pelos proverbios, não m'a tornariam muito divertida.

Ora elle ha um proverbio que diz:

«Tudo o que não ha se escusa.»

Mas deve haver por força outro que diga, que tudo o que não ha faz falta.

Ese o primeiro é verdadeiro, muito mais verdadeiro é o segundo.

E o passeio publico ahi está a proval-o.

Quando esse fallecido passeio se illuminava todas as noites, e abria as suas portas de ferro pela modica quantia de meio tostão, ninguem se importava de saber d'elle para nada e nas noites mais quentes, mais asphyxantes do verão, em no passeio não havendo fogo, andarilhos, ou Justino Soares vestido á Luiz XIV, ninguem lá punha o pé.

Foi-se embora o passeio, deu as suas grades á feira da ladra, e as suas ruas á Avenida da Liberdade; o calor ainda não nos asphyxia, o Martinho vende ahi poucos sorvetes, e para se comprar um kilo de gelo em Lisboa ainda não é preciso metter empenhos, e já ha muita gente por ahi que grita, que clama, que

chora a falta das noites do Passeio Publico. Eu é que não, eu mantenho-me intransigente no meu odio áquella jaula onde florescia pelas noites quentes os namoros e os espirros, e affasto-me d'esse uso banal e illogico da minha terra, de chorar sempre apothoses sobre todas as campas, quando muitas vezes passámos a vida a aggreir aquelles que n'ellas dormem.

Toda a gente era contra o passeio publico enquanto elle existia: uns combatiam-n'o com theorias triumphantes, outros com uma pratica salutar, não pôr lá nunca os pés: acabou-se o passeio, foram as grades abaixo, e agora choram-n'o e lamentam-o.

Não tem para onde ir á noite! é o grande argumento de todas as lamurias.

E não reparam que ao lado do passeio tem o Colyseu com uma companhia italiana barata no preço, mas que parece cara pelo merecimento, e mais acima um bocado, no theatro dos Recreios o baile flamenco, que não recommendamos de fórma alguma aos olhos castos das familias honestas, nem das casas de educação, mas que para gente livre de escrupulos é, senão um espectáculo divertido, pelo menos um espectáculo extremamente original.

Desde o anno passado introduziu-se nos espectaculos de Lisboa, no verão, um grande melhoramento, a opera séria.

Até então julgava-se que em Lisboa, onde o publico é tão difficil no theatro de S. Carlos, seria coisa impossivel e arriscada fazer ouvir uma companhia lyrica italiana, de opera séria, que não tivesse grandes nomes e grandes artistas.

O sr. Molina, trazendo para o Gymnasio no anno passado a sua companhia de opera de provincia, demonstrou que isso não era nem impossivel nem tão pouco arriscado, e que pelo contrario podia ser um bom negocio.

Este anno a experiencia está provando no Colyseu a verdade d'essa primeira demonstração.

O publico, que em S. Carlos exige muito, é d'uma benevolencia extrema e bem entendida cá fóra. Isso faz honra á sua justeza de espirito. O publico comprehende que não tem o direito a exigir d'uma companhia barata n'um theatro que não é subsidiado, o que exige d'uma companhia cara, n'um theatro que é o primeiro do paiz.

D'ahi vem uma grande vantagem para o publico e para a arte: para o publico o ouvir em vez de zarzuelas insipidas ou de operetas *grivoises* as obras primas da grande arte, que embora imperfeitamente desempenhadas, valem muito mais que as outras, do mesmo modo que um quadro de mestre, embora deteriorado vale muito mais que uma oleographia nova e luxuosamente emoldurada: para a arte, porque n'essa passagem d'um theatro de corte, para um circo popular, amplia a sua util esphera de acção, e o seu forte poder de propaganda.

E por isso que apesar de não termos ainda ouvido a companhia italiana do Colyseu, a applaudimos d'aqui incondicionalmente. Dizem-nos que é muito boa para uma companhia de 2.^o ordem, mas ainda que o não fosse, que fosse simplesmente rasoavel, bastaria o seu reportorio para ter o nosso applauso.

Os jornaes deram-nos ha dias uma noticia assombrosa, e que é o epilogo, e a synthese d'uma chronica que escrevemos aqui ha tempos, quando a proposito do Parada fallámos do Limoeiro.

A noticia na sua singeleza eloquentissima é a seguinte:

«O sr. director do Limoeiro entrando no quarto onde está preso o *Pera de Satana*, encontrou-o fazendo moeda falsa. O dinheiro foi-lhe apprehendido bem como os utensilios de que se servia para o fazer».

Bem diziamos nós ha dias que o Limoeiro está sendo uma officina do crime, das mais bem montadas e das mais activas.

As letras falsas do sr. Leitão, foram ali fabricadas com toda a arte e esmero, por dois presos: agora descobre-se lá uma fabrica de moeda falsa.

Uma cadeia assim é preciosa, sobre tudo sob o ponto de vista policial.

Quando em Lisboa apparecer algum crime graudo escusa a policia de correr Seca e Meca á procura dos criminosos; vae ao Limoeiro e encontra-os lá já engai-lados: o que lhe poupa o trabalho de os procurar e de os prender.

Ora este *Pera de Satana*, que foi agora apanhado em flagrante fabrico de moeda falsa, é o mesmo que este anno foi já julgado duas vezes pelo crime de moedeiro falso.

Da primeira vez o julgamento foi annullado, da segunda o *Pera de Satana* foi condemnado novamente a não sei quantos annos de degredo. Quando ouviu ler a sentença se bem me lembro,

o seu tornou a insistir na sua innocencia e disse qualquer coisa n'esse sentido ao juiz e aos jurados.

Levado para a cadeia, o *Pera de Satana* julgado e condemnado por moedeiro falso, arranjou todos os utensilios necessarios para continuar a industria, e continuou-a socegradamente, com uma boa vontade e actividade que estão pedindo muito melhor emprego.

E' deveras original, o poder da vocação nos moedeiros falsos. Parece que não ha meio de fugir a ella.

Ahi é que se pode applicar o ditado do que «o que o berço dá a tumba leva».

Do mesmo modo que se nasce poeta, nasce-se moedeiro falso.

Faça-se o que se fizer, a vocação triumphará de tudo.

Vejam os irmãos Silveiras.

Condemnados a degredo pelo crime de fabricação de notas, vão para a costa d'Africa cumprir sentença. Um bello dia sabe-se em Lisboa uma noticia curiosa.

Os irmãos Silveiras tinham montado, n'Africa, uma verdadeira fabrica de notas falsas, e seguiam a sua vocação.

Agora com o *Pera de Satana* dá-se o mesmo. O que se lhe ha de fazer?

Eu não sei se os tribunaes o tinham condemnado ao maximo da pena.

Se condemnaram, a que o hão-de condemnar agora?

Parecia-me muito mais logico uma coisa simples e util.

O *Pera de Satana* é realmente uma vocação de moedeiro.

Aproveite-se-lhe a vocação, em vez de inutilmente procurar contrarrial-o.

Tire-se o *Pera de Satana* do Limoeiro, e metta-se na casa da moeda.

Elle é o que se chama um artista de nascimento. Utilise-se-lhe a sua arte e façam do incorrigivel moedeiro falso, um habil moedeiro legal. Quando se encontra no caminho uma vocação d'aquellas, deve-se saltar por cima das leis e dos usos. É uma vocação excepcional, faça-se para ella uma lei excepcional tambem.

Gervasio Lobato.

THOMAZ AUGUSTO SOLLER

Um artista exímio, uma alma excelente, um caracter honestissimo.

Eis o que era o architecto portuense Thomaz Augusto Soller, que a morte acaba de arrebatá-lo prematuramente ao paiz, em que as aptidões eminentes se contam, e em que os meteoros, que como elle lucilaram no stricto horizonte da nossa arte, só de longe em longe conseguem deixar apoz si o rastro brilhante de uma admiração inextinguivel e justificada.

Mais do que os encomios que a minha admiração podesse n'este momento tecer aos meritos de Soller, vão fallar na sua simplicidade despretenhosa, as notas biographicas que me proponho deixar archivadas nas columnas do OCCIDENTE e por ellas e pelos magnificos trabalhos a que deixou ligado o seu nome glorioso, se aquilatará das preeminencias d'aquelle talento excepcional.

Thomaz Augusto Soller, nasceu no Porto em 29 de março de 1848, sendo filho de Antonio Maria Soller, professor de musica.

Matriculou-se no 1.^o anno de desenho historico da Academia Portuense de Bellas Artes em 30 de outubro de 1862, concluindo o curso dos cinco annos em 31 de agosto de 1867, no qual foi julgado digno de elogio no 1.^o, 2.^o e 4.^o annos, obtendo o primeiro premio no 5.^o

Frequentou e foi plenamente aprovado nos quatro primeiros annos do curso de esculptura (1862-1866), sendo igualmente aprovado nos tres primeiros annos do curso de architectura civil (1864-1867), em que obteve elogios no 2.^o e 3.^o annos.

Apesar de não ter este ultimo curso completo e achar-se por isso mesmo insufficientemente preparado, apresentou-se ao concurso que em 1867 se abriu na Academia, para pensionar um alumno no estrangeiro para o estudo de architectura. Se bem que Soller, pelas circunstancias que ficam referidas, não podesse alcançar a primeira classificação, os seus trabalhos, que foram uma verdadeira surpresa para todos, deram a medida da sua grande disposição para aquelle ramo das bellas artes, particularmente na parte artistica, da qual o seu prodigioso engenho tirava recursos que o collocaram sempre com vantagem distincta ao lado da maioria dos seus collegas na especialidade.

Cabe aqui consignar um rasgo de louvavel generosidade do professor da mesma Academia o sr. João Antonio Corrêa.

Como ao tempo em que se realisou aquelle concurso o pae de Soller estivesse já muito doente, sendo portanto o pequeno artista o unico amparo de sua familia, não queria o velho enfermo que o filho se distraísse em trabalhos de que não obtivesse os meios da subsistencia quotidiana, acedendo por fim ás instancias que lhe eram feitas pela promessa de que nada lhe faltaria enquanto Soller estivesse occupado com o concurso. Fôra o referido professor João Corrêa quem tomára sobre si esse encargo, mandando entregar por um companheiro do alumno as sommas necessarias para o amparo dos seus progenitores. N'esta acção magnanima do illustre professor, deu elle prova não só da sua grandeza d'alma, como das esperanças que depunha nas facultades intellectuaes do seu protegido.

No mesmo anno de 1867, baixou do ministerio do reino uma portaria com data de 19 de julho para que a Academia de Bellas Artes do Porto nomeasse os artistas que julgasse nas circunstancias de irem ver e estudar a exposição Universal de Paris, nos ramos de pintura, esculptura, architectura e gravura, na certeza de que o governo não podia pôr á sua disposição mais do que a quantia de 6368000 réis, na conformidade da carta de lei de 27 de junho de 1867.

A Academia escolheu para a classe de architectura o seu distincto alumno Thomaz Soller, e como este não podia demorar-se em Paris mais de um mez, attenta a exiguidade do subsidio, os seus mestres e amigos promoveram entre si uma pequena subscrição, por meio da qual pôde permanecer n'aquella capital nove mezes. O producto d'essa subscrição era-lhe do mesmo modo remetido pelo sr. João Corrêa.

Convém notar que Soller não preferira a architectura a outro qualquer ramo das bellas artes por tendencia natural, sendo as circunstancias furtivas de occasião que lhe determinaram a carreira, exactamente como succedera ao talentoso esculptor, Soares dos Reis, que nunca imaginára vir a ser um dia o auctor da famosa estatua o *Desterrado*.

Soller tinha 19 annos quando foi para Paris. N'aquella idade e no meio dos deslumbramentos da seductora capital, não era de admirar que por vezes o seu espirito juvenil se prendesse mais ás distrações de uma vida folgazã do que aos compromissos de um trabalho assiduo que o devia illustrar, e n'este facto, que em outro podia ser o aniquilamento das suas tendencias felizes para a arte, n'elle foi um meio revelador da sua prodigiosa intelligencia.

De uma intuição clarissima, de uma prespicacia extraordinaria, bastaram-lhe aquelles poucos mezes para deixar de si na Escola de Paris, uma recordação grata do seu elevado talento. A *Bibliotheca*, ultimo trabalho que ali executára, tal entusiasmo causou nos seus condiscipulos, que todos elles á profia se empenharam em ajudá-lo a aguarelar a fachada, o que foi sufficiente para o tornar conhecedor do processo que depois teve occasião de exhibir no *corte*, que ficou admiravel, já então sem o menor auxilio.

Para se avaliar a importancia d'esse projecto, basta mencionar que por elle obteve Soller um primeiro premio na Exposição de Madrid de 1871, adquirindo-o além d'isso o governo hespanhol como obra digna do maior interesse.

Não será ocioso repetir que o nosso biographado entrára na Escola de Paris, apenas com tres annos do curso de architectura na Academia Portuense e n'uma epoca em que esses estudos estavam entre nós muito longe de corresponder aos perfeitos progressos da arte moderna.

As qualidades que distinguiram sempre o apreciado artista foram a expontaneidade e facilidade da concepção e execução, reunidas a um apuradissimo gosto artistico e a conhecimentos muito desenvolvidos da especialidade a que se dedicava.

De regresso a Portugal, Thomaz Soller luctou por muito tempo contra a adversidade, vivendo como um bohemio e fazendo de tudo um pouco para viver.

Foi n'esses longos dias de uma desolação desesperadora, que elle se entregou com verdadeiro frenesi ao estudo do muito que ainda lhe faltava saber, procurando nos livros o desafogo de uma existencia amargurada.

A Academia Portuense apresentára-o ao governo como uma aptidão utilissima em uma repartição onde houvesse trabalhos de desenho, mas só passados alguns annos é que lhe foi dado o lugar que agora occupava, como architecto chefe, na construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Desenvolvidos e aperfeiçoados ahí os conhe-

cimentos que adquirira pelo estudo, foram relevantes os serviços que prestou no desempenho d'aquelle delicado cargo e que se attestam não só por muitos e magnificos trabalhos que executou, como pelo testemunho de todos os engenheiros com quem serviu e dos quaes fôra um auxiliar valiosissimo, tornando-se por isso estimado e admirado de todos elles.

No primeiro concurso em que entrou para um projecto de casas baratas para a Figueira da Foz, obteve um premio condigno do trabalho que exhibiu. Concorreu tambem depois ao do monumento do Duque da Terceira, porém o resultado d'esse concurso desgostou-o por modo que nunca mais se apresentou em nenhum outro.

Como director das obras do Palacio da Associação Commercial do Porto, logar que exerceu apenas por tres annos e tanto, os seus merecimentos ficam alli testificados em trabalhos de incontestavel valor. Além da formosa cobertura metalica do pateo, obra monumental que projectou com uma elegancia e uma sciencia admiráveis, levantou as plantas de todo o edificio, reformou a decoração da cupula da escada principal, e deixou além de outros projectos valiosos, o da ampliação e ornamentação da sala das assembléas geraes.

Um outro trabalho recente que foi admirado por quantos o examinaram, é o do projecto do novo theatro da Rainha, no qual se reúnem as condições de belleza, de segurança e de arte que o tornarão, no seu genero, não um dos primeiros do paiz, mas da Europa. Era curiosissimo ouvir de Soller a descripção que fazia d'esta sua obra, explicando todas as particularidades de som, de commodidade e de prevenção contra sinistros que concebera e pozera em pratica, muitas das quaes de sua pura invenção.

Além de outros projectos de somenos importancia, existem ainda d'elle o do monumento a Brotero, que vaie erguer-se no jardim botanico de Coimbra, o da casa para o Banco Alliança e o do palco coreto nos jardins do Palacio de Crystal. Estava igualmente encarregado do novo theatro do Funchal, para que tinha já preparados alguns estudos.

O talento de Soller ostentava-se agora em toda a sua pujança, amadurecido pela experiencia que já tinha e que é indispensavel a todo o artista, especialmente ao architecto. Reconhecidos os seus elevados meritos, com um nome respeitado e admirado, incumbido de trabalhos importantes, sorria-lhe a fortuna e a gloria. A morte surpreendeu-o atrozmente n'esta quadra feliz de uma vida laboriosa, deixando por unica herança á sua numerosa familia, um nome immaculado e a penuria!

Em conferencia geral da Academia Portuense de Bellas Artes de 31 de julho de 1879, o conselho academico nomeou-o seu academico de merito, tomando como obra de recepção o bello projecto de uma galeria de pintura. A nomeação foi confirmada por portaria de 6 de agosto do mesmo anno.

Era igualmente academico de merito da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

No discurso proferido pelo vice-inspector da Academia de bellas artes do Porto, o sr. conde de Samodães, por occasião da abertura da ultima exposiçáo triennial, referindo-se a Soller, s. ex.^o classificára-o como uma gloria nacional.

Effectivamente o eximo artista podia considerar-se como uma notabilidade, que só bem tarde será substituida dignamente perante o vacuo immenso que a sua morte deixou na arte nacional.

Eu que o estimava como um amigo sincero e o venerava com o fanatismo que me inspiram os grandes talentos, desfolho sobre a sua humilde campa as perpetuas, humidas de lagrimas, da mais dolorosa saudade.

Porto, junho, 1883.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

DEMETRIO DE GLINKA

No dia 24 de maio do corrente anno, falleceu repentinamente, fulminado por uma apoplexia, na sua casa em Lisboa o sr. Demetrio de Glinka, que exercia, havia doze annos, as funcões de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Russia no nosso paiz.

Era o sr. de Glinka, oriundo de uma familia nobre, de origem polaca, cujo nome se acha repetido frequentemente na historia d'aquelle paiz, desde o xi até o xvi seculos.

Depois da conquista de Smolensk pela Russia, os Glinka, com mais alguns senhores que alli tinham dominios, assim como o restante da população accitaram o facto consumado, e entraram na grande communhão da familia russa.

Pelos seculos adeante este nome tornou-se uma gloria nacional, graças principalmente a alguns membros d'esta familia, de fama popular taes como o grande compositor Miguel de Glinka, o notavel poeta Theodoro de Glinka, e Sergio de Glinka, que tendo por occasião da invasão franceza em 1812, sacrificado a sua fortuna á defeza do paiz, mereceu a cognominação de — *primeiro voluntario* dos corpos voluntarios russos, por ter sido o primeiro a alistar-se n'elles.

Gregorio de Glinka, pae do ministro fallecido, entregou-se a estudos serios sobre a antiguidade do seu paiz, dos quaes resultou a importante publicação da *Mythologia Slava*.

Foi elle quem dirigiu a educação do czar Nicolau, que por elle conservou sempre uma recordação affectuosa, depois da sua morte, succedida subitamente na florente idade de 40 annos.

Demetrio de Glinka foi educado no collegio nobre de S. Petersbourg, e taes foram as provas de intelligencia, e de aproveitamento, com que continuou as tradições da familia, que aos 17 annos foi admittido no ministerio dos negocios estrangeiros.

Algum tempo depois foi nomeado secretario de legação em Copenhague, d'onde passou a Stockholmo.

Foi n'esta cidade que elle publicou, ainda muito novo, o seu primeiro trabalho sobre a *philosophia do direito*, o qual foi logo acolhido pela opinião favoravel da critica de todos os paizes, que predisse a seu auctor largo futuro litterario.

De Stockholmo passou o sr. de Glinka a Berlim, como conselheiro de embaixada; e d'aqui como encarregado de negocios para Francfort, junto da antiga dieta germanica, e das côrtes das duas Hesses e de Nassau.

Em 1857, foi o sr. de Glinka nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ao imperio do Brazil.

Aproveitando então a tranquillidade e socego da vida dos tropicos, entregou-se de novo aos seus estudos favoritos de Direito, *Philosophia* e de Historia, e publicou segunda edição, mais desenvolvida da sua primeira obra — *A Philosophia do Direito*. O successo d'esta publicação foi tal, que em breve teve que ser dada a terceira edição d'ella.

Animado e excitado pelo acolhimento feito ao seu trabalho, continuou os seus estudos sobre o assumpto, e refazendo completamente a sua obra, apresentou-a sobre outra forma em quarta edição, e d'esta vez sob o titulo de *Sciencia da Sociedade Humana*, com que permanece nos annos do espirito humano, merecendo ser apreciadissima nos circulos litterario-scientificos allemães, em cuja lingua foi logo traduzida.

Transferido em 1871 para Lisboa, aqui no seio d'este bello paiz, continuou os seus queridos estudos, aos quaes dedicou sempre o seu affecto, assim como aos homens de sciencia, de letras e artistas, os quaes, fosse qual fosse o ramo a que se entregassem, eram recebidos na sua casa com a afabilidade de um irmão e com a lhaneza de um sabio.

Foi por isto que a sua morte subita causou a maior impressão.

O sr. de Glinka, que nascera em 1808, deixa dois filhos, M.^{lho} de Glinka, dama de honor de S. M. a Imperatriz da Russia e o sr. Nicolau de Glinka, que, entre outros cargos, exerceu outrora o de secretario da legação em Lisboa e é actualmente camarista do imperador e consul geral em Francfort.

Ambos se acham entre nós ainda, para comprirmo o triste e sagrado dever, de fazerem transportar para o seu paiz, os restos mortaes de seu honrado e nobilissimo pae.

Brito Rebello.

SUCCESSOS DE TONKIM

No extremo oriente, ha cerca de vinte annos, fundou a França uma colonia na Cochinchina. Entre esta colonia e a China existem os territorios de Tonkim, dependentes do imperio d'Annam, e que por um tratado regulamentar de 1874 se acham já submettidos á influencia da França.

Os habitantes d'esse territorio não se tem sujeitado completamente a essa influencia. A primeira victima d'essa resistencia foi o joven tenente Francisco Garnier, valente explorador que morreu, abrindo o caminho á influencia e ás armas francezas, e ainda havia pouco tempo um tenente coronel de infantaria de marinha, succumbia tambem em uma acção energica.

A situação dos francezes no Tonkim, como disse o actual ministro dos negocios estrangeiros da França é «precaria, embaraçosa, senão ameaçada»; e a grande habilidade estava em conduzir este assumpto de modo, que não houvesse o risco de se empenhar em aventuras guerreiras com o imperio do Annam, hoje quasi inimigo descoberto, nem com a China, que reivindica sempre os seus direitos sobre o Tonkim, e que o pode ser amanhã, junta ás potencias occidentaes que tem interesses no extremo oriente.

Desde algum tempo estava o capitão de mar e guerra Henrique Rivière no Hanoi e sempre vigilante, instantemente representava ao seu governo a gravidade das circumstancias, e a necessidade de uma acção séria, reclamando uma decisão sempre addiada. No ultimo inverno o almirante Jauréguiberry, então ministro da marinha, esteve quasi a dar a sua demissão, por que não achava no conselho de ministros, nem talvez no presidente da republica o apoio que havia mister, para regular este negocio do Tonkim.

Em fim os auxilios não partiram tão breve, como deviam, e o bravo Henrique Rivière, vendo-se cercado e quasi impossibilitado nos seus movimentos, apesar de doente durante seis mezes, fez um esforço, sahindo dos seus trincheiramentos, e foi victima com vinte e cinco bravos de uma embuscada de piratas annamitas e tonkineses, e talvez chinezes. Então, segundo o costume portuguez, que a França parece ter copiado, foi que se resolveu e votaram os creditos necessarios para a expedição.

No entanto sejam quaes forem os resultados da expedição, o que não deixa de ser triste é a perda de tantas vidas e principalmente a do bravo e intelligente Henrique Rivière, cuja cabeça a estas horas passeia como um despojo inimigo pelas cidades e povoações d'aquelle territorio.

Henrique Rivière tão bravo official de marinha quanto elegante e imaginoso escriptor nascera em 1827. Era homem de amavel e viva originalidade, que tinha tanto de valente como de espirotooso, tão bom humor, como resolução e serenidade nos perigos. Repartia-se sem esforço, diz Mazade, entre os seus deveres de maritimo e os seus successos de escriptor, entre as viagens atravez os mares e os prazeres da vida de Pariz. Havia annos que fôra incumbido de uma missão difficil na Nova Caledonia, que prehenheu com tanta firmeza como decisão.

Encerrado havia tempo como sentinella perdida n'esse posto do Hanoi, doente, vendo crescerem os inimigos em torno d'elle, e conhecendo a surdez do seu governo e do seu paiz, que, em quanto esquecia e defendia os que tão longe velavam pelos seus interesses e pela honra da sua bandeira, votava todos os meios e recompensas para as empresas aventurezas de Brazza, que iam offender uma nação amiga, visinha e ligada a elle pela identidade de raça, viu-se obrigado a fazer um esforço em que succumbiu.

Não são sempre os verdadeiros culpados, as victimas dos golpes do destino.

Henrique Rivière collaborara na *Revue des deux mondes*, onde inseriu alguns romances, taes são: *A mão cortada*, *Ultimos dias de D. João*, *Crime do marido* etc, e no theatro viu representadas tres peças suas. Escreveu tambem alguns estudos notaveis, como: *Marinha franceza no tempo de Luiz xv*, e publicava ultimamente na *Nouvelle revue*, a relação do seu commando, na Nova Caledonia.

Depois da morte de Rivière a 19 de março, chegaram reforços e nos combates de 28 e 29 de maio foram derrotados os inimigos, e os chamados *pavilhões negros* restos dos *taepengs*, antigos rebeldes chinezes, que depois da sua aniquilação na China, passaram ao Tonkim, onde fazem vida de piratas e bandidos.

A tomada das povoações de Gia-Kuck e de Bac-Nigue foi o resultado d'esses combates; as operações comtudo deverão proseguir.

As difficuldades com a China tambem parecem estar aplanadas.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

5.^a carta

(Continuado do n.^o 163)

Collegios e externatos de instrucção secundaria ha: cinco para o sexo feminino, sendo o mais notavel, e um estabelecimento modelo, o collegio Pestana; 4 para o sexo masculino; e 1 mixto, a Escola Academica, instituido digno de menção fundado sob o regimen seguido nos Es-

tados Unidos. Além d'estes, tem S. Paulo as aulas de preparatorios da academia, a Aula Normal para professores, o Seminario de educandas, o Episcopal, o Instituto de Artifices, o Instituto D. Anna Rosa, e a notavel Propagadora da instrucção popular.

Conta os seguintes jornaes diarios: *Correio Paulistano*, *Diario de S. Paulo*, *A Provincia de S. Paulo*, *A Sentinella*, e 4 ou 5 periodicos litterarios e politicos, publicados por academicos.

Tem igualmente duas bibliothecas: a da Academia, e a Popular, creada e organizada pela loja maconica *America*, possuindo cerca de tres mil volumes.

Ha tambem o museu Provincial, recentemente iniciado; e um gabinete de phisica e observatorio astronomico no Seminario episcopal.

S. Paulo tem grandes casas de commercio, restaurantes e hoteis, sendo o mais notavel o *Grande Hotel*, onde estou hospedado, de Carlos Schorcht. Este hotel é considerado, e com rasão, o maior do Brazil. A capital do imperio não o tem tão bom. Foi construido expressamente para este fim.

Estabelecimentos de diversão, possui: o theatro de S. José e o theatro Provisorio; o jardim da Luz; a ilha dos Amores; e Hippodromo e *Rink* de patinadores.

Ha seis typographias sendo quatro a vapor, uma officina lytographica, e tres de encadernação. Diversas fabricas de cerveja, uma notavel fabrica de tecidos de algodão, e quatro officinas de fundição. Duas grandes serrarias a vapor,

e outros estabelecimentos de menor monta.

Conta esta cidade 36 mil almas, avultando a população estrangeira, principalmente portuguezes, allemães, italianos, francezes e inglezes.

Visitando o sr. general Couto de Magalhães, deu-se comigo o seguinte caso:

Como tivesse lido o seu excelente livro intitulado *O Selvagem*; calculasse pelos seus escriptos os seus sentimentos; e ouvisse contar d'elle muitos feitos de heroismo, e muitas anedotas da vida excêntrica que, por indole s. ex.^a adoptou, dispondo aliás de fortuna para viver na opulencia, imaginei encontrar um velho epotrellico, com a cara retalhada de cicatrizes pelos golpes recebidos na campanha do Paraguay, e que hoje reformado, passava o resto da vida pescando á cana no rio Tiété.

Sua ex.^a reside na margem esquerda do Tiété, na ultima casa isolada que fica junto da Ponte-Grande, como mostra o desenho, no bairro da Luz, em S. Paulo; casa que comprou para viver retirado do bulicio do mundo.

Por todas estas circumstancias e mais partes, como dizem no fóro, que concorrem para formar um juizo erroneo; a minha imaginação criou um Couto de Magalhães, com mais de 60 annos de idade e a forma phisica acima descripta.

Hontem, pelas 7 horas da tarde, depois de haver visitado o sr. presidente da provincia e em seguida o sr. conde dos Tres Rios, como me ficasse em caminho, dirigi-me a casa de s. ex.^a.



DEMETRIO DE GLINKA, MINISTRO DA RUSSIA, EM LISBOA—Fallecido em 24 de maio de 1883

(Segundo uma photographia de Nadar)



SUCCESSOS DE TONKIM — O COMBATE LE BAC-NIGUE (29 DE MARÇO) E O COMMANDANTE RIVIÈRE, MORTO A 19 DE MAIO, EM HANOI



A COROACAO DO CZAR, EM MOSCOW — AS FESTAS POPULARES — ILLUMINACAO GERAL DE MOSCOW (27 DE MAIO) — GRANDE CAVALGADA POPULAR (2 DE JUNHO)

Chegando ao fundo da escada, bati as palmas, e ouvi logo uma voz que dizia:

— Suba, quem é.

Subi. Quando cheguei ao cimo da escada vi na sala da entrada dois homens sentados a uma meza rectangular, tomando chá.

Um d'elles, o mais novo, homem de 46 annos de idade, esbelto, com a barba serrada e sem cabellos brancos, perguntou-me:

— Quem procura?

— O sr. general Couto de Magalhães. Está em casa?

— Sou eu mesmo.

— Mas... é ao sr. general Couto de Magalhães, que desejo ter a honra de cumprimentar, e que talvez seja o pae de v. ex.^a.

— Sou eu mesmo aquelle que procura...

Puz-me a olhar para elle com cara de alvar, imaginando uma mystificação.

O mais idoso dos dois, que era o sr. dr. Joaquim de Paula Souza, vendo o meu ar de duvida, tirou-me do embaraço, dizendo:

— Este senhor é o proprio general a quem deseja fallar...

— Muito agradecido. Eu peço desculpa a v. ex.^a da minha impertinencia. A minha imaginação anda divertindo-se comigo desde que cheguei ao Brazil. Decididamente, um individuo que tem uma imaginação assim, precisa ser *thomista*, isto é, ver e apalpar como S. Thomé para poder acreditar. Já me succedeu outro tanto com o sr. dr. Ladislau Neto, e com o sr. dr. Ramires Galvão, que imaginei, pelo muito que d'elles conhecia pelos seus escriptos scientificos e servicos prestados ao paiz, que deveriam ter, pelo menos, uns 60 annos de idade, a barba branca, e a calvicia de Cezar; mas venho agora encontrar o sr. Couto de Magalhães, como achei aquelles senhores; um homem cheio de vigor e illustração. Tres esperanças da patria, em vez de tres reliquias da gloria brasileira.

Para objectos de pouca monta não servem os grandes genios, assim como para negocios ponderosos são incapazes genios limitados.

A. Lopes Mendes.

A COROAÇÃO DO CZAR

(Continuado do numero antecedente)

Pondo de parte outros pormenores, segundo o ritual russo, os soberanos, passaram os tres dias 24, 25, e 26 recolhidos no famoso palacio e entregues ás orações do estilo.

No dia 27 realisou-se a grande cerimonia, que foi precedida da proclamação imperial, na qual se promettem poucas reformas, sendo o ponto mais sympathico d'ella a amnistia aos polacos, os quaes poderão voltar aos seus lares.

No dia 27, ás 8 horas da manhã achava-se reunida a familia imperial no palacio, nos aposentos da imperatriz Catharina, e o corpo diplomatico em casa do seu decano, o embaixador da Allemanha, d'onde partiu para a cathedral.

Aos principes e grandes personagens mahometanos e asiaticos, que não seguem a religião christã e não se podem descobrir, foram-lhe reservadas tribunas fóra.

As 9 horas dirigiu-se a familia imperial á sala do throno, que é a de Santo André, acompanhada pelos camaristas mores, camaristas, archiministro, grã-mestre e mestres de ceremonias.

D'alli sahiram para a cathedral no meio do estrodo dos sinos e das salvas de artilheria.

Abriam o cortejo os guardas a cavallo, de lanças perfiladas e com os seus brilhantes uniformes, luzindo as couraças douradas, e os capacetes encimados pela aguia imperial.

Seguiam-se logo as damas e altos dignitarios. Um official dos granadeiros da guarda levava o estandarte do seu regimento desfraldado, e era seguido pelas insignias imperiaes transportadas por altos dignitarios, ladeados de uma dupla fila de ajudantes de campo e de generaes de divisão.

Os imperadores desceram pela escada dos leões que se achava coberta por uma alcatifa vermelha que se estendia por toda a praça; a escada fora previamente aspergida com agua benta pelo clero; atravessaram a praça das cathedraes debaixo do pallio, a cujas varas pegavam trinta e dois generaes de divisão. O pallio é de velludo vermelho listado e franjado de ouro, tendo as iniciaes e as aguias a ouro.

A imperatriz trajava um riquissimo vestido de brocado de prata, bordado a prata, guarnecido de diamantes e pedras preciosas, que se estendiam até á cauda, de quatro metros, que era levada pelos pagens da imperatriz.

Esta soberana, cujo retrato démos a pag. 89 do nosso iv vol. é uma formosa princesa da Di-

namarca, que se distingue pela doçura das suas feições e amenidade de caracter.

Doze grandes leques de plumas e uma grande coroa de ouro, ornada de pedrarias e collocada sobre uma almofada de velludo cramezim, completavam o prestito.

Chegados ao templo foram os imperadores recebidos pelos prelados, saudando-os o metropolitano de Moscow pela sua entrada na casa de Deus. Logo beijaram o crucifixo que lhes foi apresentado pelo de Novgorod, dando-lhes o de Kiew a agua lustral.

O quadro que então apresentava a praça era imponente e difficil de descrever, para quem não assistiu ao maior e mais singular espectáculo dos nossos tempos.

No templo só foi admittido parte do cortejo, em numero pouco mais ou menos de 500 pessoas.

Os tres metropolitans, magnificamente paramentados, conduziram os imperadores ao interior do templo, ao som das suas orações, e no meio de nuvens de incenso que se elevavam de riquissimos thuribulos.

Os coros entoaram um cantico magnifico, os sinos repicaram festivamente, sentindo-se de quando em quando o reboar do famoso sino de Ivan, o terrivel.

No templo achava-se já desde antes o czarewitch, que para alli marchara com os funcionarios da sua casa e seguido por todos os principes estrangeiros, desde que o ministro da corte lhe viera annunciar que se havia cantado o primeiro *Te-Deum*, e se approximava a nora da coroação.

Uma certa pallidez se estendia pelas faces do imperador, e mais pallida ainda se achava a imperatriz.

Depois de se haverem inclinado ambos em frente das sagradas imagens, subiram o estrado e assentaram-se no throno.

Como já dissemos, o cerimonial é secular e obedece a um ritual complicado e venerando. Depois de uma hora de canticos e rezas, o czar poz o manto imperial, erguendo-se, recebeu das mãos do metropolitano de Novgorod a corôa que levantou sobre a cabeça onde a collocou com as suas duas mãos.

Os altos dignitarios ajudaram-n'o a revestir-se do manto, do collar e da estrella de Santo André, tomando depois d'elles o sceptro e o globo.

Não é possivel descrever todos os pormenores d'estas ceremonias, bastando referir, segundo uma testemunha ocular, que o sceptro passa pelas mãos de meia duzia de funcionarios.

Acabadas estas ceremonias depoz o imperador o globo e o sceptro sobre uma mesa forrada de velludo e preparou-se para coroar a imperatriz.

Esta ajoelhou ante seu marido, para este a coroar.

Então o czar tirou a corôa da sua cabeça e passou-a pela frente da imperatriz lentamente, como quem lhe transmitia parte do seu poder. Em seguida a imperatriz foi pelas suas damas revestida das insignias imperiaes.

Tornando o imperador a tomar o sceptro e globo e conservando-se os soberanos no throno entoou então o metropolitano o *Domine salvum fac imperatorem* e *Domine salvum fac imperatricem*, a que os coros respondiam *ad multos annos*.

Em quanto se cantava um hymno religioso admiravel de execução e melodia, subiu a familia imperial os degraus do throno afim de felicitar os soberanos, sendo a scena mais commovedora e que fez borbulhar lagrimas em alguns olhos, aquella, em que o czar abraçou seu filho e herdeiro, esperanças do throno russo.

O czar recitou então em voz alta uma oração, na qual invocava a benção de Deus para o seu reinado. Quando acabou ajoelharam em frente d'elle os metropolitanos, a familia imperial e os funcionarios que haviam tomado parte na cerimonia.

Todos então rezaram pelo czar, que só, de pé no alto do throno, parecia, segundo diz o escriptor que principalmente seguimos, um ente de essencia superior á de todos que o cercavam, o chefe da familia, do estado e até do proprio clero que estava ajoelhado ante elle.

(Continua) R. M.

DEZ DIAS EM HESPAHHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do numero antecedente)

II

Não era precisamente o pae do Sebastião que estava á nossa espera na estação do Meio Dia em Madrid.

A comissão dos jornalistas que nós víamos desde Valencia de Alcantara, não estava lá, é verdade, mas, se ella foi para nós pae do Sebastião, a culpa foi nossa e não d'ella.

Tinhamo-nos antecipado um dia na nossa partida de Lisboa, e a chegada official dos *periodistas* portuguezes estava marcada para o dia immediato.

E n'esse dia immediato, os nossos collegas de Lisboa tiveram no caminho a visita de alguns jornalistas hespanhoes, que os acompanharam amavelmente até Madrid, e quando chegaram á estação encontraram ali a esperal-os toda a grande comissão da imprensa madrilenha, que foi para os jornalistas portuguezes inexcusavel em amabilidade, em bizzarria e em gentileza.

Mais felizes, porém, em Madrid do que em Ovar, nós encontramos á nossa espera, amigos e compatriotas nossos, o Taborda, o Polla, a talentosa actriz Maria das Dôres, o Valle e o Carlos Borges, o feliz empregario da *troupe* portugueza em Madrid.

Como tudo isso era diferente e estava longe do pae do Sebastião.

Apeamo-nos, abraçamos os nossos amigos; e no meio de uma barafunda enorme, sahimos da estação carregados de malas.

A porta era enorme a multidão de omnibus, de *char-a-bancs*, de carros de praça.

A entrada de Madrid por essa estação é pobre, é pelintra, e tem todos os ares da entrada de uma terra de provincia.

O aspecto dos trens de praça é o mais deploravel possivel; uns *coupés* estreitos, sujos, velhos, com uns cocheiros mal vestidos e enxovalhados, puchados por um unico cavallo, magro, macambuzio, uma pileca melancolica, que parece adivinhar tristemente o seu proximo futuro de praça dos touros.

Seguimos para o Hotel, espalhados por varias d'essas typoias, e com as nossas malas accommodadas no tecto de um grande omnibus do Hotel de la Paix.

Tinhamos quartos tomados no Hotel dos Embaixadores.

Atravessamos o Prado, vimos passar a correr á nossa direita, o perfil do grande Museu, voltamos ao lago de Cybele, subimos a calle de Alcalá, uma rua formosissima, que nos illude tanto em bom ácerca da cidade, como a entrada da estação nos illude em mal, voltámos á carrera S. Jeronymo, dobramos a calle Victoria e paramos á porta de um hotel de grande apparencia. Era o Hotel dos Embaixadores. Masahi, oh deuses immortaes! esperava-nos um momento cruel.

Quando as malas se desencarapitaram do omnibus do Hotel de la Paix, demos pela falta de uma mala, pequenina, de mão, que fóra nossa companheira de viagem no nosso compartimento. Essa mala era o nosso thesouro.

— Onde está ella? Onde não está?

Onde não está sabiamol-o nós, era ali.

— O Taborda, pegou n'ella ao sahirmos do wagon, O Valle viu-a em cima do balcão. O Poila lembrou-se de a ter visto no chão ao pé da porta.

Mas nenhuma d'estas recordações nos dava a mala.

Que fazer?

Uma resolução heroica, porque era uma grande massa insuportavel: — voltar á estação.

Saltamos para uma typoia que passava, e que trazia na lanterna uma bandeirola velha de folha com estas letras — *Se alquila*.

— A' estação do caminho de ferro;

— Qual?

— Onde chegou agora o comboyo de Lisboa.

— La estacion do Medio Dia.

— Non, illucida um nosso companheiro de viagem, em bello hespanhol, de las dos e media!

O cocheiro olha-o de espantado:

— La estacion de las dos y media?

Intervieram os empregados do hotel, um interpetre que lá havia e que era extraordinario, porque na sua qualidade de interpetre não percebia, nem se fazia perceber, em nenhuma lingua, e por fim lá partimos para a estação.

O coração palpitava-nos d'anciedade. Chegamos, a estação estava já deserta, os guardas conversavam encostados ás portas.

Pela primeira vez tivemos de fallar hespanhol em Madrid.

Não nos entenderam.

Desesperados, anceados fallámos portuguez.

Ó surpresa! fomos entendidos.

E, ó surpresa maior ainda! a mala estava lá! Atravessamos a gare, onde os pesados comboys descancavam tranquillos da viagem — elles

descansavam, os patifes! e nós andávamos á procura das malas e entrámos no escriptorio do chefe.

O guarda que nos acompanhava expoz a questão.

O chefe muito amavel poz-se em pé e veio ao nosso encontro.

— És usted periodista portuguez?

— Sim senhor.

Não foi preciso mais nada: fez um signal a um moço, que nos trouxe logo — duas malas!

E o mais original, é que eram ambas nossas e nós que procurávamos só uma!

E voltámos para o hotel achando Madrid uma excellente terra, os hespanhoes uma excellente gente e a profissão de jornalista uma excellente profissão!

(Continua).

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XL

Deixando mais quadros e azulejos e outros artefactos dignos de menção, citaremos ainda os seguintes:

Uma pequena mesa de ebano, n.º 112, pertencente ao convento de Od'vellas, de pés torneados em torcidos, e as travessas cruzadas. Não tem de altura mais de 0,95, de comprimento 0,96 e de largura 0,5.

Uma piscina, n.º 113, obra da fabrica do Rato, de faiança colorida, tendo um vidro em cada face. Em cada canto se ostenta um golinho e nas duas faces principaes resaltam umas carrancas destinadas a terem torneiras para agua. A sua altura é de 0,47, comprimento 0,86 e largura 0,5.

O n.º 115 é um portico de faiança branca e azul pertencente á Academia das Bellas Artes de Lisboa. Tem 1,28 de altura por 0,81 de largura. É formado por um arco, debaixo do qual se vêem dois anjos, que levantam uma cortina deixando vêr a porta. A cimalha é ornada de cinco cherubins entre grinaldas. O todo é encerrado entre duas pilastras que sustentam um frontão, o qual serve de coroamento do artefacto. N'elle assentam dois anjos, entre os quaes existe um espaço vazio, que parece devia ser occupado por uma cruz. Pertenceu ao extinto convento da Madre de Deus.

Eis um contador hispano-arabe, n.º 119; é de nogueira com ferragens vasadas, como se vê em outros, as quaes assentam sobre veludo cramesim. Aberta a porta ou tampa da frente vêem-se muitas gavetas e armarios adornados externamente de columnas, pinturas, douraduras, medalhões e incrustações de osso. Esta especie de caixa assenta sobre um corpo composto de dois pés lateraes, formados de tres pilares cada um, sendo o do meio todo torcido, e ligados um ao outro por meio de uma peça em arcada muito leve e graciosa. Pertence hoje á Academia das Bellas Artes de Lisboa.

XLI

O n.º 120, tambem pertencente á mesma Academia, é um pequeno grupo de barro que fazia parte, como outros de que já fallámos, do presepio da Madre de Deus. Representa um pastor de joelhos, com os braços cruzados em adoração tendo diante uma ovelha. Este bonito grupo é de barro e attribue-se ao celebre escultor Joaquim Machado de Castro.

O n.º 123 é um baixo relevo do seculo XVI feito em pedra de lithographia, representando o descimento da Cruz, no primeiro plano, e no segundo o Calvario e o templo de Jerusalem. Tem por dimensões 0,49 de largo por 0,50 de alto, e está encaixilhado em moldura larga de pau santo.

Um outro baixo relevo, que parece ser da mesma procedencia, n.º 131; é tambem de pedra lithographica representando no primeiro plano o Calvario e no segundo a cidade de Jerusalem.

O n.º 129 é um lavatorio de faiança pintado de branco e azul com pilastras e grinaldas em relevo. No fundo tem uma carranca a que está adaptada uma torneira de bronze. Tem inferiormente uma bacia para receber a agua que sae do reservatorio, cuja altura é de 0,90, sendo a da bacia 0,28 por 0,57 de comprimento.

O ultimo objecto d'esta salla o n.º 132 é uma pintura em madeira representando Nossa Senhora em um nicho, tendo na mão esquerda o menino Jesus e na direita um navio. Inferiormente e aos lados quatorze medalhões circulares com pinturas alusivas a milagres. Na base do nicho tem a seguinte legenda: DEVOCION A N. S. DE CONSOLACION DE VERERA. EL S.º CARDENAL BORJA CONCEDE 100 DIAS DE INDULG.º A Q IEN REZARE VNA SALVE, Y OTRAS INFINITAS ESTAN CONCEDIDAS POR MUCHOS SEÑORES OBISPOS POR LO GRANDE DE SUS MILAGROS.

A moldura é de prata encimada por um ornato de flôres, folhagens e serafins, rematado tudo por uma corôa real fechada. Segundo o respectivo catalogo é do XVII seculo.

Com quanto italiano não deixaremos de mencionar um lindo contador e mesa de ebano com incrustações de marfim, pertencente ao sr. F. Ribeiro da Cunha. No tampo da frente ha um quadro de marfim com a assignatura de J. *Do-fontana milanço*. Por baixo tem uma gaveta com dois puxadores, que são dois bustos de marfim: internamente ha um portico com balaustrada por cima; uma gaveta fórma a base do portico. De cada lado do portico ha quatro gavetinhas, cujos puxadores são outros tantos bustos de marfim. A altura do contador é 0,78 e o comprimento 0,74.

(Continua).

R.

O AMIGO VISCONDE

IX

Era effectivamente Nuno de Mascarenhas que chegava. Logo que o criado o annunciou da porta, Alvaro levantou-se e foi recebel-o ao corredor. Estendeu-lhe primeiro a mão, passando-lhe em seguida um braço sobre os hombros n'um gesto affectuoso.

Desde a porta, dirigiu-se Nuno á tia Dorothea, a quem abraçou e beijou respeitosa e a mão. Valentina, de pé, deixou-se abraçar, sorrindo. Offereceu-lhe uma cadeira ao seu lado. Nuno ficou sentado em frente do fogão, entre as duas senhoras. A chamma viva do fogo esbrazeava-lhe a testa espaçosa e luzidia, e os botões dourados da sua farda de tenente reluziam com reflexos vermelhos. Lembrou Valentina se lhe faria mal o calor do fogão.

— De modo algum, minha prima — accudiu logo Nuno. — Estou costumado a todas as temperaturas.

E, ao falar, os seus dentes muito brancos e unidos alvejavam entre os cabellos escuros da barba.

Ao principio, a conversa correu com intermitencias, resumindo-se a perguntas das duas senhoras, ás quaes Nuno respondia, ora voltado para um lado, ora para outro. Havia já tres annos que o Nuno tinha partido de Lisboa, observou a tia Dorothea.

— Dois annos e meio, tia — disse Nuno.

Depois, falou da viagem. Tinha ido á India pelo canal de Suez. Era uma viagem bonita...

A proposito, a tia Dorothea, em tempo viajou muito; mas Valentina ainda não tinha sahido do paiz? Oh! de certo, tinha sahido...

— Pois, não — respondeu Valentina, tendo um sorriso gracioso de quem se accusa.

— Não!? — exclamou Nuno. E, em seguida debruçando-se para ella, perguntou-lhe baixo com um ar discreto:

— Tem algum filho, prima?

Valentina, toda reclinada no espaldar estofado da cadeira, acenou negativamente a cabeça.

— Oh! — exclamou Nuno, — E não viaja!? Não gosta? Seu marido deve leval-a a Paris, pelo menos...

E, procurando Alvaro pela sala, deu com elle atraz de si, de pé, seguindo a conversa, sem falar, com as mãos assentes nas costas da cadeira.

— O Alvaro, então ouves isto, e não te justificas?

Riram-se todos.

— Isso é incrível! é incrível! — dizia Nuno.

Alvaro ia a fallar; mas Valentina accudiu do lado:

— Escute, primo: eu tambem nunca disse ao Alvaro que desejava sahir do paiz... Bem vê que ainda não ha muito tempo que somos casados. E, francamente, não me parece agradável sahir logo para o estrangeiro, sem a gente se estabelecer bem, arranjar bem a sua casa... Depois, mais tarde...

Como Nuno concordasse, Valentina perguntou-lhe então, porque não casava elle?

Tencionava acaso ficar solteiro toda a vida?!

— De certo, prima — disse Nuno com uma voz firme. Um soldado, como eu, deve resignar-se a viver solteiro. N'esta carreira, a defeza da patria está em primeiro lugar do que a familia... É talvez um falso ponto de vista, é; mas...

E encolheu os hombros n'um gesto de resignação.

Como Valentina ía a fallar Nuno interrompeu-a:

— Perdão! E demais — accrescentou elle com uma voz dilacerada, olhando-a fixamente — bem sabe a prima que o meu tempo passou! Oh! se passou!

Ficaram silenciosos, Valentina tomando subitamente um ar de tristeza meditativa, com o indicador entre os labios, olhando ambos vagamente para o fogo, que ía esmorecendo pouco a pouco entre a cinza branca.

Ouviu-se o rodar surdo d'uma carruagem nas ruas do jardim. A campainha retiniu de novo.

Valentina levantou-se de repente, como surprehendida n'um sonho.

— Deve ser a Izabel.

Depois, sorrindo-se para Nuno:

— Quer vir receber comigo as minhas visitas, primo? — perguntou ella, sem olhar, batendo do lado as pregas da saia.

Nuno offereceu-lhe o braço, cedendo logar á tia Dorothea, que passou á frente pelo braço de Alvaro.

No corredor, Valentina ía dizendo:

— Quero apresental-o hoje a uma amiga minha muito sympathica.

— Sim? Quem é?

É a filha do general Noronha. Conhece, de certo.

— O pae, de nome. A filha, creio que não.

— Pois olhe, é uma menina muito galante, muito intelligente, muito illustrada, e... um bom dote.

Nuno ouvia silencioso. Valentina proseguiu: — Tem um excellente coração, e... Que diz, primo?

Nuno, muito espantado, respondeu:

— Eu nada, prima Valentina.

— Emfim — continuou — era uma boa noiva para si.

Iam já a entrar na salla, mas Nuno estacou á porta; e, olhando fixamente Valentina, disse-lhe baixo:

— Eu já lhe disse, cara prima, a fatalidade não permittiu que eu cazasse...

— Ora, que ideia!

Nuno supplicou-lhe:

— Peço-lhe até que me não torne a fallar n'isso.. Ah! se soubesse como me entristece Valentina!

Justamente pela porta fronteira apparecia a filha do general Noronha.

(Continua)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1594 — Julho, 11. — Primeira representação, em Portugal, em que se introduziu a musica conjunctamente com a declamação.

Foi no *Pateo de Comedia da Bitesga*, á Mouraria.

1856 — 12 — Estreia da actriz Luiza Fialho, no theatro das *Variadas Dramaticas* com a comedia *Luisinha a Leiteira*.

1647 — 13 — Fundação da Aula de Fortificação e Architectura Militar por intermedio do Cosmographo-Mór Luiz Serrão Pimentel, que foi nomeado lente d'essa aula.

Ficou extincta em 5 de agosto de 1779 com a criação da *Academia Real de Marinha*.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

As festas de Moscow assombraram meio mundo.

1770 — 13 — Morre da idade de 42 annos o exímio poeta buccólico Domingos dos Reis Quita denominado na Arcadia *Alcino Myceneo*, e auctor do celebre poema pastoril *Lycoris*, porventura um dos melhores que se teem escripto.

O cabelleiro e poeta Reis Quita nasceu em 6 de janeiro de 1728.

1842 — 14 — Morre o distincto professor de clarinete José Avelino Canogia.

Foi discipulo do famoso Bis, musico honorario da Real Camara.

1852 — 15 — O grande poeta Antonio Feliciano de Castilho inaugura no palacio de Sarmento, na rua dos Navegantes, os seus saraus litterarios e cursos elementares de ensino gratuito.

Os matriculados eram em numero de 307. Os salões estavam brilhantemente illuminados e guardados de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade de Lisboa.

1590 — 16 — Morre no Convento de Vianna D. Frei Bartholomeu dos Martyres arcebispo de Braga cuja biographia foi escripta admiravelmente, no mais puro estylo, por Frei Luiz de Sousa.

1844 — 17 — Estreia no theatro de S. Carlos de Lisboa do grande tenor Tamberlick, com a opera de *Gemma de Vergy*.

1697 — 18 — Morre na Bahia o missionario e grande escriptor portuguez padre Antonio Vieira.

E' um dos primeiros classicos portuguezes. Foi chamado o *Cicero Catholico* e o *Pae da eloquencia portugueza*. Alguns o comparam a Bossuet.

Pregou em diferentes côrtes da Europa em portuguez, latim e francez.

1757 — 19 — Instituição da *Arcadia de Lisboa*, por D. João V, inscrevendo-se o proprio rei socio d'esta academia e mandando edificar em Roma, uma esplendida casa para ali se verificarem as sessões dos Arcades.

Esta academia desapareceu em 1776.

A sessão preparatoria foi em 11 de março de 1756.

1799 — 20 — E' executada em Napoles, como revolucionaria, a portugueza Leonor da Fonseca Pimentel, illustre poetisa e distincta prosadora e jornalista.

Com este numero termina esta secção, que se principiou a publicar em 21 de julho de 1882.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

UNIVERSO ILLUSTRADO, *Semanario de Instrução e Recreio*, director Maximiano da Silva, proprietario João Campos da Silva, Lisboa. N.º 1 a 6 d'este periodico muito instructivo e popular, que tinha suspendido a sua publicação em 1881, começando agora o 5.º volume.

A VIDA DAS FLORES, por Alphonse Karr e Taxile Delord, traduzida por uma sociedade litteraria sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior, David Corazzi, editor, Lisboa. Estão publicados mais os fasciculos n.º 3 a 7 d'este formoso livro, digno de figurar em todos os gabinetes e salas de bom gosto.

A FLOR DE MARAVILHAS, *Scenas da Guerra da Peninsula*, por Alvaro Carrillo, traducção de A. M. da Cunha e Sá, David Corazzi, editor, Lisboa. 11 vol. d'este romance a que já nos temos referido em outras noticias.

A VOLTA DO MUNDO, *Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos*, directores litterarios Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empresa Litteraria Luso-Brazileira, editora, Lisboa. N.º 3, 4, 7, 8, 9 e 10 não tendo recebido os n.º 5 e 6 d'este magnifico periodico, tanto na parte litteraria, como na parte artistica.

Continúa publicando a viagem do major Serpa Pinto sob o titulo «A Carabina de El-Rei» e outros artigos muito interessantes e consoantes ao titulo da publicação.

O ULTRAGE, *Dedicado ao Major L. de Quillinan*, por Angelina Vidal, Lisboa. É mais um folheto de versos a proposito do incidente Bright, no parlamento britannico.

O FRONTÃO MUNICIPAL, *Estudo Critico por Gil Vicente*, Lisboa. É um folheto com prologo, seis capitulos e a photographia do frontão tudo em 16 paginas de 16. O autor d'esta critica, que a assigna com o pseudonymo de Gil Vicente, é pouco favoravel ao frontão dos paços do concelho de Lisboa, e fundamenta a sua critica fazendo ao mesmo tempo justiça ás bellezas d'esta obra d'arte.

O OCCIDENTE publicou em o n.º 66, pertencente ao 3.º vol., uma gravura do frontão e um artigo a seu respeito.

A CAÇA, *Publicação Bi-Mensal collaborada por um grupo de caçadores*, Porto. Este periodico de que se acha publicado o 1.º numero, pro-

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, *Directores litterarios-scintificos Theophilo Braga e Teixeira Bastos*. *Directores-proprietarios Carrilho Videira, e Ernesto Pires*. Lisboa. Nova livraria internacional, 96, Rua do Arsenal, 1883. — Primeiro anno n.º 4 — Maio. Compreheende este fasciculo *Elementos da nacionalidade portugueza (os celtas da Lusitania)* por Theophilo Braga; *Atheismo inconsciente (I Povos atheus)* por Teixeira Bastos; *Cartas geographicas e descobrimento do Zaire* (continuação) por Carlos de Mello; *Infanticida* conto por J Augusto Vieira. *Necrologia*: Hugo Leal, e *Bibliographia*.

VERDADES AO SOL, *versos*, por Phaelante da Camara, Recife, 1883, com uma dedicatória. — A sociedade emancipadora pernambucana. Ao club republicano academico, folheto de 4.º pequeno com 14 pag. — É uma poesia politica, cuja dedicatória indica qual a opinião que a inspira.

O PSEUD-REALISMO, *satyra (1881)* por Castro Rebello Junior, Bahia, *Imprensa economica*, 16, Rua Nova das Princezas, 1883 8.º francez de 16 paginas. O auctor pretende combater o exagero monstruoso, o alarde pessimista, o abuso iconoclastico, a giria extravagante, as aberrações da idéa nova; são louváveis as suas intenções e se a litteratura não entrar no verdadeiro caminho não será sua a culpa.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, . . . terceiro anno — oitava serie, 1883. *David Corazzi*, editor. *Empreza Horas Romanticas*. Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro. Administração: 40, R. da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. Numero 57. — *Esgrima*, ornado com 10 gravuras. — O jogo das armas completa muito naturalmente todos os exercicios gymnasticos, assim como estes auxiliam a hygiene, corrigindo alguns defeitos do corpo e desenvolvendo em geral os órgãos e as formas corporaes. A importancia d'este as-

sumpto é hoje altamente reconhecida. Diz-se n'este folhetinho: «Quando um dia olharmos a serio para a instrucção primaria e secundaria que hoje se ministra ao paiz, ha-de forçosamente surgir um reformador intelligente que torne obrigatorio o ensino dos exercicios corporaes; d'estes faz parte importante a esgrima». Oxalá se realice em breve esta esperança, ou este voto que é tambem, de ha muito, o nosso.

POESIA PHILOSOPHICA, *poemas modernos, com um programma sobre a renovação scientifica das litteraturas e um escripto da poesia nova*, por Domingos Tarroso, Bibliotheca do Norte — editora, 1883. — 8.º de xxxv 160 pag. — Já por mais uma vez temos feito sentir que não é a poesia scientifica, a que nos seduz. O campo da arte e o da sciencia são coisas diversas: uma pôde auxiliar a outra, mas não ser objecto d'ella; em a sciencia entrando por demais na arte, esta perde a sua espontaneidade e torna-se fria, e pouco attrahente. O auctor já tem demonstrado a sua intelligencia e os seus conhecimentos não vulgares; na nova senda que encetou mostra algumas disposições, e se se aproximasse mais da natureza e não quizesse philosophar tanto, a sua poesia teria muito mais graça e attracção. Certa facilidade que ás vezes apparenta, é adeante prejudicada com a pressão scientifica. Discordamos de algumas das suas opiniões e sobretudo lastimamos que o seu talento se conspurque na sua chamada *poesia nova*, que desejáramos ver abandonar. Não parecem obras do mesmo espirito.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



BRAZIL — CASA DO GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, EM S. PAULO (Segundo um desenho de Lopes Mendes)
Vid. artigo *Cartas de Lopes Mendes*, etc.

põem-se a tratar dos assumptos venatorios, o que é sem duvida, de grande utilidade n'um paiz em que não existe outra publicação d'este genero.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO, *Publicação Litteraria e Scientifica collaborada pelos associados*, Rio de Janeiro. Esta revista, de que recebemos os n.º 1 a 3, é publicada pela sociedade que lhe dá o titulo, a qual tem por fim promover, por todos os meios, o desenvolvimento e propaganda da litteratura.

Esta sociedade é composta de brazileiros e portuguezes, e tem a sua sede no Rio de Janeiro.

A IOMINAÇÃO INGLEZA EM PORTUGAL. — O que é e de que nos tem servido a alliança da Inglaterra, por um compatriota de Gomes Freire de Andrade. — Lisboa. Editor — João Antonio Rodrigues Fernandes. — 1883. — 8.º de 216 paginas. O titulo da obra e principalmente a designação que o auctor intencionalmente se dá de compatriota de Gomes Freire, victima do despotismo, do aliás notavel general, Guilherme Carr Beresford, claro nos patenteam qual será a feição que predominará no discurso d'essas 216 paginas, onde se descrevem não só as tropelias que Portugal tem recebido da Inglaterra, mas ainda varios exemplos do procedimento d'esta para com o resto das nações. Aos 48 artigos do libello formulado no fim do seculo passado, por Barrère, acrescenta o auctor os agravos que Portugal tem recebido da sua *fiel alliada* desde Afonso 1, que esteve a ponto de se desentender com elles, com relação ao cerco de Lisboa em 1147, e D. de Sancho 1 que teve que repellar com a força a sua cubição e crueldade depois do cerco de Silves, até hoje. Estas duras e cruas respostas aos Brights, Andersens e quejandos não podem deixar de ser lidas por nossos irmãos d'aquem e d'além mar.